

AS RELAÇÕES ENTRE INDIVÍDUO E GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE *OS PROLEGÔMENOS PARA UMA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL* DE G. LUKÁCS

Ester Vaisman*

Resumo

O presente artigo tem como objetivo principal indicar algumas características da obra tardia de G. Lukács, bem como chamar a atenção para certos momentos de seu longo e complexo percurso intelectual.

Palavras-chaves: G. Lukács, Ontologia, marxismo.

Abstrat

This paper aims at highlighting some characteristics of G. Lukács' late work, as well as focusing on some points of his long and complex intellectual career.

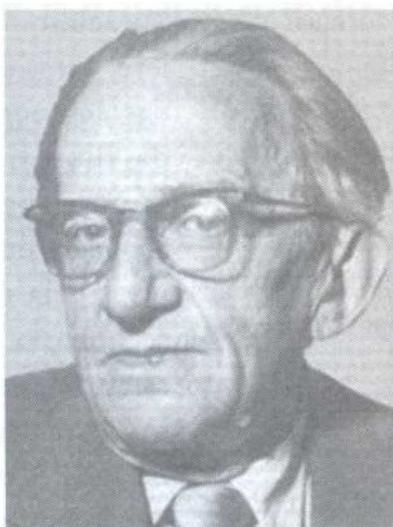
Keywords: G. Lukács, Ontology, marxism.

CRONOLOGIA INTELLECTUAL DE G. LUKÁCS

*De A alma e as formas a História e
consciência de classe*

Não é o caso aqui de retomar em detalhe a extensa e sinuosa trajetória intelectual do autor. Em artigo publicado recentemente,¹ desde logo, chamei a atenção do leitor para o fato de que

Lukács pode ser considerado como um dos pensadores mais marcantes da cultura marxista contemporânea. Tal



Georg Lukács

avaliação, diga-se de passagem, não é fruto apenas de seus intérpretes, que de um modo ou de outro vieram a se alinhar em torno da obra do pensador húngaro, mas também de seus próprios adversários.²

Ademais, valendo-me do testemunho de Tertulian, indiquei que

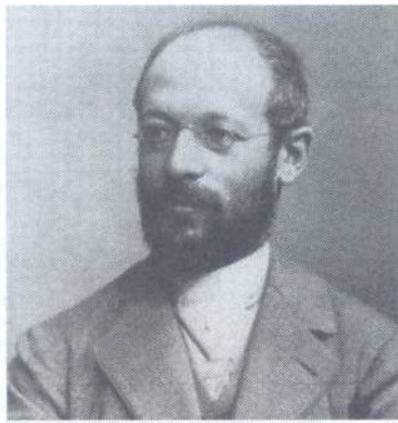
a evolução intelectual de Georg Lukács oferece uma imagem singular da formação e do devir de uma personalidade nas condições agitadas de um século não menos singular, por sua complexidade e pelo caráter dramático de sua história.³

A dificuldade em determinar em poucas linhas o cerne teórico de Lukács tanto antes de sua adesão ao marxismo como depois se deve também ao fato de que o autor "passou por experiências espiri-

* Professor do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia. E-mail: munfer@terra.com.br.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.22.v0n48.1298>

tuais as mais variadas e heterogêneas”,⁴ de tal modo que uma das questões polêmicas é aquela que diz respeito às continuidades e descontinuidades de seu pensamento. Também não é o caso aqui de nos delongarmos sobre esse importante tema, mas não poderíamos deixar de referir a tese polêmica “daqueles que consideram o ‘verdadeiro Lukács’ aquele das obras de juventude e que a fase de maturidade de sua obra, isto é, a fase rigorosamente marxista, constituiria uma involução evidente”.⁵ Ademais, é fundamental referir um outro problema, sempre lembrado e vinculado à trajetória polêmica do autor: suas “autocríticas”. Ainda que não seja o momento mais adequado para discutirmos esse problema, seria interessante focalizar o assunto de outro ponto de vista, talvez mais fecundo, indagando o seguinte:



Simmel

[...] que outro pensador contemporâneo foi capaz de renunciar crítica e deliberadamente, como ele fez por diversas vezes, ao prestígio de obras consagradas? Renúncia que chegou ao total divórcio delas, a ponto mesmo de manifestar completa desidentidade autoral por textos que teriam feito, cada um de per si, a inconfessa e sempre almejada glória de carreira de qualquer um, inclusive dos melhores e mais respeitáveis. Esse desapego, sinônimo de enorme exigência para consigo mesmo, que nunca declinou em arrogância ou pedantismo, nem em autoproclamações

de méritos ou em bravatas de auto-suficiência, em que pese a imensa solidão teórica a que esteve constringido seu trabalho.⁶

G. Lukács nasceu no ano de 1885, no bairro de Leopoldstadt, em Budapeste, conforme nos informa o autor em seu *Pensamento vivido – Autobiografia em forma de diálogo*.⁷ Seu primeiro livro publicado (1911) recebeu o título de *A história do desenvolvimento do drama moderno*, tendo recebido à época um prêmio literário. Nesse passo, em plena juventude, o que o autor buscara era

uma forma de interpretação das manifestações literárias que não fosse uma mera abstração de seus conteúdos peculiares. Onde, na contraposição teórica em que se encontrava e sob a aderência ao neokantismo, não ter ido além, naquela época, da equação armada em *História da evolução do drama moderno*: a da pura síntese intelectual entre sociologia e estética, sob amparo e sustentação do pensamento de Simmel, em lugar de partir “das relações diretas e reais entre a sociedade e a literatura”, como dirá

no “Prefácio” a *Arte e sociedade*. Onde afirma também que “não pode surpreender que de uma postura tão artificiosa tenham derivado construções abstratas”, sempre insatisfatórias, até mesmo quando atinam com alguma determinação verdadeira.⁸

Contudo, foi somente com a publicação de *A alma e as formas* (1911) que o filósofo húngaro “chamou a atenção de diversos membros da elite européia”.

O último ensaio do livro [...] que muitos comentadores consideram como texto capital desse conjunto – foi consagrado à apologia da tragédia. Aos olhos do jovem Lukács, a tragédia aparecia como a encarnação levada às últimas conseqüências da vida essencializada, como o modo supremo de articulação desta forma [...] na qual ele via a condição inalienável da verdadeira arte.⁹

Na seqüência, publica *A teoria do romance* (1914/1915),¹⁰ que, ao lado de *A alma e as formas*, representa o trânsito lukacsiano de Kant a Hegel que culmina na última obra. É o percurso que o leva, sem abandonar o território das assim chamadas *ciências do espírito* (Dilthey, Simmel, Weber), da filosofia e da nascente sociologia alemã de Simmel para uma forma da *ciência do espírito* acoplada ou traspassada pelo hegelianismo, responsável pela urdidura de *A alma e as formas* e com acentuação maior de *A teoria do romance*. Ademais, essas obras surgiram sob o influxo direto ou indireto, aqui não importa, do “esteticismo da filosofia da vida (*Lebensphilosophie*), que predominava no pensamento alemão no início do século passado”.¹¹

O eclodir da guerra de 1914 e seu efeito sobre a intelectualidade de esquerda ao ser assumida pela socialdemocracia é que determinam o projeto de redação de *A teoria do romance*. Esta obra “nasceu de um estado de espírito de permanente desespero diante da situação mundial”,¹² diz Lukács, que por

O eclodir da guerra de 1914 e seu efeito sobre a intelectualidade de esquerda ao ser assumida pela socialdemocracia é que determinam o projeto de redação de *A teoria do romance*.

mais de uma vez lançou mão de uma fórmula de Fichte para caracterizar a imagem que nutria daquele tempo: “época da pecaminosidade consumada”.¹³ Essa visão infernal de uma Europa sem brechas e sem horizontes, tecida de pessimismo eticamente modulado, faz de Lukács de *A teoria do romance um utópico primitivo*, para utilizar uma expressão quase idêntica de seu próprio uso. De tal sorte que ele pode afirmar: “*A teoria do romance* não é conservadora, mas destruidora.”¹⁴ E de forma mais concreta: “metodologicamente, é um livro de história do espírito. Mas acho que é o único livro de história do espírito que não é de direita. Do ponto de vista moral, considero toda aquela época condenável e, na minha concepção, a arte é boa quando se opõe a esse decurso”.¹⁵

Não é possível aqui entrar em maiores detalhes sobre essa importante fase da vida do autor, mas é necessário aduzir que “o devenir intelectual de Lukács apresenta um interesse único, possuindo valor paradigmático para o destino da intelectualidade europeia do século XX”.¹⁶

História e consciência de classe – seu livro mais afamado –¹⁷ foi

reconhecidamente, um esforço intelectual marcante no sentido de pôr em evidência um campo de reflexão teórica, até então, relegado a um segundo plano. Nesse livro estão reunidos vários estudos do período que vai de 1919 a 1922. De fato, a obra de Lukács, na década de 1920, se revestiu de importância decisiva, na medida em que representou a tentativa – independentemente de seus embaraços e malogros – de reconhecer e ressaltar a natureza e as complexas funções da esfera ideológica.¹⁸

Em outras palavras, *História e consciência de classe*, apesar de seu hiper-hegelianismo, reconhecido pelo próprio autor no “Prefácio de 1967” à obra propriamente dita, representou uma reação importante às desventuras do marxismo oficial que subvalorizava o papel da subjetividade no interior dos processos históricos. Contudo, não podemos adentrar numa discussão das teses expostas nesse conjunto de ensaios. Nesse “Prefácio” o autor revê autocriticamente o conteúdo do livro em questão, revelando entre outros aspectos, o “dualismo temático e intimamente contraditório” de seus posicionamentos filosóficos da época. Embora não seja pretendido sequer esboçar uma análise crítica do livro, como já dissemos, é conveniente frisar que o livro foi escrito num momento de transição

intelectual do autor em direção ao marxismo, como ele próprio veio a reconhecer do seguinte modo: “[...] encontro em meu mundo mental da época tendências simultâneas à assimilação do marxismo e à atividade política, por um lado, e, do outro, uma constante intensificação de colocações éticas puramente idealistas”.¹⁹ Ademais, a restrição de Lukács acerca de sua obra dos anos 1920 recai em terreno decisivo no plano filosófico. Assim, ele se posiciona a respeito:

História e consciência de classe representa objetivamente – e contra as intenções subjetivas do autor – uma tendência que no interior da história do marxismo e, sem dúvida com grandes diferenças na fundamentação filosófica e nas conseqüências políticas, representa sempre, voluntária ou involuntariamente, uma orientação contrária à ontologia do marxismo.²⁰

Em suma, Lukács, em 1967, contando com a idade de 82 anos, redige o “Prefácio”, em que analisa criticamente seu conjunto de ensaios publicados em 1923, esclarecendo as circunstâncias que o levaram a rejeitar o livro. Contudo, não é o momento de nos dedicarmos neste espaço a acompanhar todos os elementos presentes na famosa “autocrítica” de Lukács e que tem relação direta com sua clivagem intelectual à época.²¹

Da Estética à Para uma Ontologia do ser social

Alguns intérpretes de Lukács, como Oldrini e Tertulian²², consideram que a fase de maturidade de Lukács tem início em 1930, data a partir da qual o filósofo passa a se dedicar aos seus estudos sobre a arte, tendo como orientação uma chave analítica fundada no pensamento de Marx. Oldrini, buscando descobrir o momento em que tem início o processo que leva Lukács à redação de sua obra postumamente publicada, se vale de depoimentos do crítico soviético Michail Lifschitz²³ e dos húngaros István Hermann, que tinha sido um dos primeiros alunos de Lukács, e de László Szikai, diretor do Arquivo

Em suma, Lukács, em 1967, contando com a idade de 82 anos, redige o “Prefácio”, em que analisa criticamente seu conjunto de ensaios publicados em 1923, esclarecendo as circunstâncias que o levaram a rejeitar o livro.

Lukács de Budapeste. Tais depoimentos “têm insistido com ênfase particular na ‘importância histórica’ da virada dos anos 1930, no fato de que – sem sombra de dúvida – exatamente ali, em Moscou, é que se forma o Lukács maduro”.²⁴ É sabido que no primeiro turno dos exílios em Moscou, que ocorreu no início do ano de 1930, ao deixar o exílio em Viena, Lukács trabalha com Riazanov,



Ernst Fischer

que então cuidava da edição dos manuscritos juvenis de Marx e empreendia a publicação da *Mega*, que restou incompleta com sua expulsão em 1931 do PCUS e posterior desaparecimento no bojo dos expurgos stalinistas. Foi uma experiência mais do que invulgar, provavelmente, responsável por sua inflexão em relação ao pensamento marxiano, e da qual ele se recordava com grande entusiasmo até o fim da vida, como, por exemplo, na entrevista a *New Left Review* em 1968: “Quando estive em Moscou, em 1930, Riazanov me mostrou os manuscritos de Marx elaborados em Paris em 1844. Você pode imaginar meu excitamento: a leitura desses manuscritos mudou toda a minha relação com o marxismo e transformou minha perspectiva filosófica.”²⁵ De acordo com Oldrini essa virada tem caráter ontológico, na medida em que se fundamenta na crítica de Marx à filosofia especulativa de Hegel, em que Marx, influenciado, em parte, pelos pequenos escritos de Feuerbach,²⁶ faz o reconhecimento da objetividade enquanto propriedade originária de todo ente.²⁷ Oldrini considera, nesse sentido, que “as linhas diretrizes da investigação lukácsiana após os anos 1930 devem imediatamente à teoria materialista da objetividade”, contudo isso não significa necessariamente “que se devam deixar de lado”, na análise desse longo período que desemboca em *Para uma ontologia do ser social*, “os inconvenientes e os limites que derivam da ausência como fundamento, de um explícito projeto ontológico. Nesse momento, em Lukács, esse pro-

jeto está completamente ausente”.²⁸ Além disso, é necessário advertir para o fato que tal “virada”, por assim dizer, embora apresente diferenças substanciais com seus textos juvenis, não é “fruto de uma brusca e inesperada inversão de rota, de uma reviravolta que se teria verificado de improviso, sem preparação, na última década da vida do filósofo. Ao contrário, por trás dela há uma longa história, que merece atenção [...]”²⁹ Essas fases intermediárias de seu pensamento que incluem, segundo Oldrini, “por exemplo, os escritos berlinenses ou moscovitas, aqueles de volta à Hungria”,³⁰ merecem um estudo mais cuidadoso, sem isolá-los do contexto mais amplo da obra. Evidentemente, tal intento escapa aos limites da presente proposta de trabalho. O que importa aqui é identificar os móveis teóricos que relacionam sua grande *Estética* com o trabalho derradeiro.

Colocada a questão, inicialmente, em termos cronológicos, é novamente Oldrini que oferece algumas pistas importantes.³¹ Ele diz:

Vejam, antes de mais nada, algumas datas fornecidas por Tertulian e Mezei para orientar-nos e mover-nos com facilidade na selva dos fatos. Lukács só pensa numa *Ontologia* muito tarde, como introdução a uma ética marxista, para o qual ele já vinha recolhendo grande quantidade de materiais preliminares pelo menos desde o fim dos anos 1940, e que se torna mais forte (mais também é posto temporariamente entre parênteses) com o início do trabalho na grande *Estética*³², datável de 1955: trabalho que prosseguiu até 1960.³³

Em *Conversando com Lukács* (1967),³⁴ ao ser indagado pelo entrevistador sobre a presença em sua *Estética* de alguns pressupostos ontológicos que nem sempre são tratados explicitamente, o filósofo húngaro não só indica alguns elementos da obra em preparação – a *Ontologia* – mas também, responde afirmativamente à questão que lhe fora colocada. Por conseqüência, podemos identificar em depoimentos do próprio Lukács, sinalizações razoáveis para se admitir a existência de elementos de caráter ontológico em sua obra publicada originalmente em 1963. Nesse mesmo sentido, Oldrini, apoiando-se em uma carta enviada pelo autor a Ernst Fischer e em outra para a irmã, pode afirmar que

Por conseqüência, podemos identificar em depoimentos do próprio Lukács, sinalizações razoáveis para se admitir a existência de elementos de caráter ontológico em sua obra publicada originalmente em 1963.

través de uma entrevista a *New Left Review* em 1968: “Quando estive em Moscou, em 1930, Riazanov me mostrou os manuscritos de Marx elaborados em Paris em 1844. Você pode imaginar meu excitamento: a leitura desses manuscritos mudou toda a minha relação com o marxismo e transformou minha perspectiva filosófica.”²⁵ De acordo com Oldrini essa virada tem caráter ontológico, na medida em que se fundamenta na crítica de Marx à filosofia especulativa de Hegel, em que Marx, influenciado, em parte, pelos pequenos escritos de Feuerbach,²⁶ faz o reconhecimento da objetividade enquanto propriedade originária de todo ente.²⁷ Oldrini considera, nesse sentido, que “as linhas diretrizes da investigação lukácsiana após os anos 1930 devem imediatamente à teoria materialista da objetividade”, contudo isso não significa necessariamente “que se devam deixar de lado”, na análise desse longo período que desemboca em *Para uma ontologia do ser social*, “os inconvenientes e os limites que derivam da ausência como fundamento, de um explícito projeto ontológico. Nesse momento, em Lukács, esse pro-

imediatamente após a conclusão da *Estética*, tem início o trabalho na *Ética*. E mais, “que ele sentiu logo a necessidade imprescindível de um capítulo introdutório de caráter ontológico testemunham as conversas com os alunos e, mais ainda e melhor, o que diz a Werner Hofmann numa carta de 21 de maio de 1962: ou seja, que ‘seria necessário avançar ainda na direção de uma concreta ontologia do ser social’”.³⁵

Ao assinalarmos a provável existência de um fio condutor, principalmente entre a *Estética* e a *Ontologia*, não resulta de imediato a conclusão de que Lukács tenha aderido sem mais à própria expressão, ainda que, como afirma Oldrini “mesmo lá onde a coisa, o nexos conceitual já exista em germe falta a palavra para expimi-lo”.³⁶ Em verdade, Lukács nutria sérias desconfianças e suspeitas em relação à própria palavra, resistindo em utilizá-la; “para ele, tomando a conotação que lhe fora conferida por Heidegger, ela só tem um valor negativo”.³⁷ Entretanto, ao entrar em contato com a obra de Ernst Bloch, *Questões fundamentais da filosofia. Pela ontologia do ainda-não-ser* [noch-nicht-seins], publicada em 1961, e com a volumosa obra de N. Hartmann sobre *Ontologia*, há uma mudança de postura do autor em relação à palavra. Tertulian, citado por Oldrini, chega mesmo a afirmar “que os escritos ontológicos de N. Hartmann tiveram o papel de catalisador na reflexão de Lukács; eles lhe inculcaram, com certeza, a idéia de buscar na ontologia e nas suas categorias as bases de seu pensamento”.³⁸

Desse modo, a abordagem da própria *Estética* muda de configuração: apesar de, cronologicamente, ter sido elaborada antes da *Ontologia*, há claros indícios que tornam factível a hipótese de que, em termos lógicos, os problemas ontológicos já estavam presentes, mesmo que dita expressão não tenha sido utilizada, seja porque Lukács a associava com o existencialismo, seja porque ele próprio não havia se dado conta da possibilidade de uma ontologia em bases materialistas. O fato é que, no entanto, “a tese de que a obra de arte ‘está lá’, que ela existe anteriormente à análise de suas condições de possibilidade não representa de fato uma ‘novidade’ do último Lukács [...]”³⁹ De fato, a partir do depoimento do próprio autor constata-se esse nexos entre a análise da obra de arte em questões de ordem ontológica. No “Prefácio de 1969” à edição

francesa de *Meu caminho até Marx*, o autor afirma: “Se para a *Estética*, ponto de partida filosófico consiste no fato de que a obra de arte está aí, que ela exista, a natureza social e histórica dessa existência faz com que toda problemática se desloque para uma ontologia social.”⁴⁰

De Para uma Ontologia do ser social aos Prolegômenos para uma Ontologia do ser social: as relações entre indivíduo e gênero

Ainda é Tertulian que nos oferece uma informação preciosa acerca do momento preciso em que tem início a elaboração da última obra de Lukács: maio de 1960, data em que conforme seus planos daria início aos escritos da *Ética*. Contudo, “sabemos o que ocorreu depois: os trabalhos preparatórios da *Ética* se transformaram num volumoso manuscrito, a *Ontologia do ser social*, concebida como uma necessária introdução à obra principal”.⁴¹

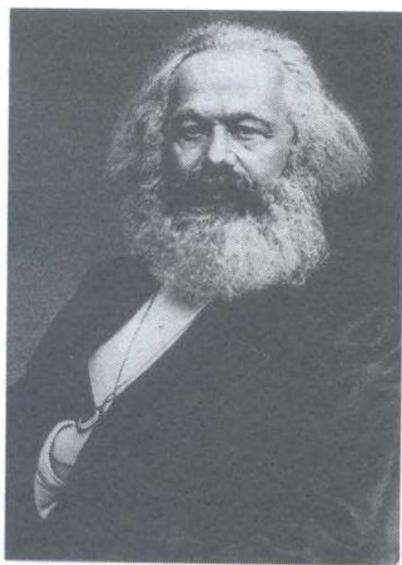
A incursão lukácsiana no debate da ontologia não é de modo algum fruto de inclinações particulares ou pessoais, mas surge do reconhecimento de que uma série de questões teóricas deveriam ser tratadas a partir de uma nova perspectiva. As adversidades de seu tempo impunham – assim julgava o pensador húngaro – a enorme tarefa de retornar à obra de Marx, no intuito de reformular cabalmente as perspectivas teóricas vigentes, de buscar respostas aos descaminhos provocados pela vulgata stalinista que dominou quase toda a tentativa de compreensão teórica dos fenômenos mais importantes do século XX, além das graves distorções que provocara na recepção da obra de Marx.

Por isso mesmo, a última grande obra filosófica de György Lukács, *Para uma ontologia do ser social*, constitui no interior da história do marxismo um caso à parte, uma vez que destoa do núcleo comum sobre o qual a obra de Marx foi compreendida ao longo de todo o século passado. Essa obra tem por mérito ter sido a primeira a destacar o

O fato é que, no entanto, “a tese de que a obra de arte ‘está lá’, que ela existe anteriormente à análise de suas condições de possibilidade não representa de fato uma ‘novidade’ do último Lukács [...]”

caráter ontológico do pensamento de Marx, como já indicamos linhas acima.

O retorno sugerido possui uma peculiaridade perante todo o edifício teórico que se ergueu sobre a base das proposituras marxianas: é uma afirmação enfática de que “ninguém se ocupou tanto quanto Marx da ontologia do ser social”, como já sublinhamos anteriormente. Parte da denúncia de que o caráter ontológico do pensamento marxiano ficou obscurecido pela rigidez dogmática em que o marxismo se viu imerso e que rechaçava toda e qualquer discussão acerca da ontologia, qualificando-a de idealista e ou simplesmente metafísica. Na verdade,



Marx

de, como o próprio Lukács sugere, essa rigidez nada mais é do que uma vertente específica das reflexões lógico-epistemológicas que passaram a dominar todo o cenário da filosofia desde o séc. XVII,⁴² que combatem vigorosamente “toda tentativa de basear sobre o ser o pensamento filosófico em torno do mundo”, afirmando “como não científica toda pergunta sobre o ser”.⁴³ Não importa o quão antagônicas

possam ser em relação a seus princípios filosóficos, ambas são perspectivas enrijecidas e reduzidas pelas mesmas amarras, uma vez que se fundam no interior das discussões lógico-gnosiológicas e, precisamente por isso, ambas estão incapacitadas de perceber que o cerne estruturador do pensamento marxiano são lineamentos ontológicos acerca do ser social.

Todo o vigor dos escritos ontológicos de Lukács possui duas direções básicas: volta-se contra as leituras mecanicistas provenientes principalmente do stalinismo e do marxismo vulgar ao mesmo tempo em que procura combater a crítica dos adversários de Marx, demonstrando como a incompreensão – e mesmo a recusa – de toda e qualquer ontologia encontra-se circunscrita em necessidades prementes da própria configuração da sociedade capitalista.

O combate sugerido por Lukács ao predomínio das reflexões lógico-epistemológicas tem, portanto, a perspectiva que concilia a posição teórica com a necessidade prática. Contra o predomínio manipulatório a que se viu reduzida a ciência no mundo do capital, a ontologia recoloca o problema filosófico essencial do ser e do destino do homem.

A percepção de uma ontologia em Marx fornece a ele os elementos passíveis de estabelecer de uma vez por todas a ruptura com a gnosiologia.

As reflexões de Lukács partem da crítica fundamental que postula que, em Marx, “o tipo e o sentido das abstrações, dos experimentos ideais, são determinados não a partir de pontos de vista gnosiológicos ou metodológicos (e tanto menos lógicos), mas a partir da própria coisa, isto é, da essência ontológica da matéria tratada”.⁴⁴

Revela-se nessas palavras o reconhecimento de uma fecunda inflexão do pensamento de Marx em relação a tudo o que foi produzido pela filosofia até então: “o objeto da ontologia marxista, diferentemente da ontologia clássica e subsequente, é o que existe realmente: a tarefa é a de investigar o ente com a preocupação de compreender o seu ser e encontrar os diversos graus e as diversas conexões em seu interior”.⁴⁵ Instaura-se a partir dessa determinação uma inflexão com os padrões científicos predominantes desde do século XVII. A novidade do pensamento de Marx deve ser entendida sob as bases de

uma estrutura de caráter completamente novo: uma cientificidade que no processo de generalização, nunca abandona este nível (existência em-si), e que não obstante, em cada singular adequação aos fatos, em cada reprodução ideal de um nexos concreto, examina continuamente a totalidade do ser social e deste modo sopesa continuamente a realidade e o significado de cada fenômeno singular; uma consideração ontológico-filosófica da realidade existente em si que não vaga por sobre os fenômenos hipostasiando as abstrações, mas ao contrário, se põe, criticamente e autocriticamente no mais elevado nível de consciência, só para poder tomar cada existente na plena forma de ser que lhe é própria, que é específica propriamente deste. Nós cremos que Marx criou assim uma nova forma tanto de cientificidade geral quanto de ontologia, que é destinada no futuro a

A percepção de uma ontologia em Marx fornece a ele os elementos passíveis de estabelecer de uma vez por todas a ruptura com a gnosiologia.

superar a constituição profundamente problemática, não obstante toda a riqueza dos fatos descobertos, da cientificidade moderna.⁴⁶

Essa nova caracterização da cientificidade é definida de um modo simples, porém pleno de conseqüências: as “categorias são formas e determinações da existência”. Afirmando isto significa dizer, por um lado, que em tal propositura as categorias e conexões próprias ao ser assumem para o pensamento caráter de metro crítico no processo de construção das abstrações.

E arrematando de forma conclusiva, Lukács diferencia a “velha filosofia” da filosofia de Marx:

[...] o marxismo distingue-se em termos extremamente nítidos das concepções do mundo precedentes: no marxismo o ser categorial da coisa constitui todo o ser da coisa, enquanto nas velhas filosofias o ser categorial era a categoria fundamental no interior da qual se desenvolviam as categorias da realidade. Não é que a história se desenvolva no interior do sistema das categorias, mas ao contrário, a história é a transformação do sistema das categorias. As categorias são, em suma, formas do ser.⁴⁷

O ser não é uma categoria abstrata na medida em que é compreendido como totalidade concreta dialeticamente articulada em totalidades parciais. Essa estrutura constitutiva do ser, a que Lukács designa como um “complexo de complexos” – tomando de empréstimo a terminologia de Nicolai Hartmann – apresenta-se sempre por meio de uma intrincada interação dos elementos no interior de cada complexo. O complexo no interior dessa perspectiva é compreendido e determinado como um conjunto articulado de categorias que se determinam reciprocamente, e estruturado de forma decisiva por uma categoria que atua como momento preponderante em seu interior. Desse modo, a “universal processualidade do ser deriva não somente da complicada interação dos ‘elementos’ (complexos) no interior de cada complexo e dos complexos entre si, mas da presença cada vez de um *übergreifendes Moment* que fornece a direção objetiva do processo, o qual se configura por isso como um processo histórico”.⁴⁸



Nicolai Hartmann

Esse enfrentamento – teórico e prático – forma a base do argumento que adverte para a necessidade de retorno a Marx, sem as peias erguidas pelo marxismo em geral. Trata-se de varrer das páginas da obra marxiana uma discussão totalmente estranha à sua letra: afirmações que acusam a existência em Marx de um determinismo unívoco, proveniente da esfera da economia, que absolutiza a potência do fator econômico legando ao segundo plano a eficácia dos outros complexos da vida social.

Ao contrário de um determinismo unívoco da esfera econômica sobre as outras instâncias da sociabilidade, como acusa grande parte de seus adversários, o cerne estruturador do pensamento econômico de Marx se funda na concepção da determinação recíproca das categorias que compõem o complexo do ser social. Nas palavras do próprio autor:

Este peculiar, paradoxal, raramente compreendido, método dialético, repousa na já acenada convicção de Marx, segundo a qual, no ser social o econômico e o extra-econômico continuamente se convertem um no outro, estando em uma insuprimível interação recíproca, da qual, como mostramos, não deriva nem um desenvolvimento histórico extraordinário privado de leis, nem uma dominação mecânica ‘imposta por lei’ do econômico abstrato e puro.⁴⁹

O ser não é uma categoria abstrata na medida em que é compreendido como totalidade concreta dialeticamente articulada em totalidades parciais.

São, portanto, momentos que se apresentam permanentemente em um estado de determinação reflexiva. É a interação e inter-relação desses momentos que constitui a estrutura sobre a qual se move e dinamiza o processo de socialização do homem. As categorias da produção e reprodução da vida – esfera econômica – desenvolvem a função motor central desta dinâmica; todavia, só podem se desenvolver sob a forma de um momento ontologicamente primário de uma interação entre os complexos que vêm a existir na dialética objetiva entre acaso e necessidade. A base econômica permanece sempre como o momento preponderante; no entanto, isso não elimina a relativa autono-

mia das superestruturas, que se expressa de maneira definitiva na dialética de mútua reciprocidade determinativa existente entre estas e a esfera da econômica. Portanto, as esferas superestruturais da sociedade não são simples epifenômenos da estrutura econômica. Longe de constituírem um reflexo passivo, essas estruturas podem agir (ou retroagir) sobre a base material em maior ou menor grau, sempre, entretanto, no interior das “condições, possibilidades ou impedimentos” que esta lhe determina.

O que caracteriza e determina a especificidade da atividade humana é o fato de ser uma “atividade posta”, ou seja, é a configuração objetiva de um fim previamente ideado – *pôr teleológico*. O trabalho passa a ser entendido assim como a unidade entre o pôr efetivo de uma dada objetividade e a atividade ideal prévia diretamente regida e mediada por uma finalidade específica. A natureza, que tem na causalidade o princípio geral de seu movimento, passa a ser mediada pela consciência de que sob a regência da realização de uma finalidade, a partir dos próprios nexos causais da natureza, im-

põe novos direcionamentos, desdobrando-os em novas formas completamente inusitadas em relação aos processos naturais. Nesse sentido, Lukács define o resultado final do trabalho como uma “causalidade posta”, o que significa dizer que se trata de uma causalidade que se põe em movimento pela mediação de um fim humanamente configurado. Na atividade laborativa essas duas categorias, embora antagônicas e heterogêneas, formam uma unidade no interior do complexo. Portan-

to, causalidade posta e seu outro lado, o pôr teleológico, constituem o fundamento ontológico da dinamicidade de complexos próprios apenas ao homem, na medida em que a teleologia é uma categoria existente somente no âmbito do ser social. Desse modo, definindo a posição teleológica como célula geratriz da vida social, e vislumbrando no seu desenvolvimento e complexificação o conteúdo dinâmico da totalidade social, Lukács impossibili-

ta a confusão entre as diretrizes e princípios que regem a vida da natureza e a vida da sociedade: “a primeira é dominada pela causalidade espontânea, não teleológica por definição, enquanto a segunda é constituída por obra dos atos finalistas dos indivíduos”.⁵⁰

Após essas determinações sobre os fundamentos genéticos da ontologia do ser social, Lukács demonstra como esses mesmos atos teleológicos podem aparecer de forma diferenciada quando se considera o objeto sobre o qual eles incidem suas ações. Entre esses atos, a diferença fundamental se refere basicamente ao objeto sobre o qual exercem sua ação. Os atos teleológicos primários incidem de forma imediata sobre um dado objeto ou elemento natural, enquanto os atos teleológicos secundários têm como finalidade a consciência de outros homens, ou seja, “não são mais intervenções imediatas sobre objetos da natureza, mas intencionam provocar estas intervenções por parte de outras pessoas”.⁵¹

É a análise dessas formas distintas dos atos teleológicos que nos auxiliam a compreender o processo de desenvolvimento das fases superiores a partir da forma originária do trabalho. A dinâmica inerente às interações categoriais do trabalho não apenas instaura a origem humana como também determina a dinâmica das formas superiores da prática social. Nas formas superiores de sociedade elas ocupam um lugar de destaque, assumindo o papel preponderante na dinâmica desse processo. Os assim denominados atos teleológicos secundários tornam-se mais “desmaterializados” uma vez que se desvinculam da relação direta com o momento material da prática social. São esses atos, também designados por atos socio-teleológicas, que mais tarde darão origem a dimensões importantes da prática social, tais como a ética, a ideologia, e inclusive – e esta é uma questão crucial para Lukács – é a partir dela que podemos vislumbrar a gênese das ações políticas.

Tanto a questão do trabalho quanto a complexificação da dinâmica da sociedade humana com o advento das formas superiores da vida social são tratadas prevalentemente a partir da determinação recíproca e da superação da heterogeneidade entre teleologia e causalidade. Essas categorias formam, no interior das elaborações lukácsianas a base analítica de toda e qualquer ação do ser social. Nesse

É a análise dessas formas distintas dos atos teleológicos que nos auxiliam a compreender o processo de desenvolvimento das fases superiores a partir da forma originária do trabalho.

mesmo diapasão, outra tese que ele desenvolve postula que todo o processo social é posto em movimento por meio das ações teleológicas individuais, mas que em sua totalidade esses atos não possuem uma finalidade determinada, resultando daí todo um movimento que opera por meio de nexos causais espontâneos. Afirmação que nos leva, portanto – e aqui convém ressaltar essa determinação com toda a clareza –, a entender que no plano da totalidade do ser social está presente toda uma malha de nexos que atuam sob a forma de uma causalidade social. Fato que leva o pensador húngaro, com essas determinações, a assumir uma posição contrária a tendências no interior do próprio marxismo e contra a filosofia hegeliana, ao asseverar a inexistência de uma teleologia na história.

De acordo com Tertulian, os *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*, possuem o valor de um testamento, pelo fato de ser o último grande texto filosófico de Lukács. De fato, foram redigidos pouco antes de sua morte.⁵²

Sobre as razões que levaram o filósofo a escrever os *Prolegômenos* depois de finalizada a *Ontologia*, há várias controvérsias entre os intérpretes. Contudo, a esse respeito, o mais cuidadoso é levantar algumas hipóteses apenas, cuidando para não afirmar nada categoricamente. De acordo com algumas testemunhas

(em especial István Eörsi, seu tradutor em húngaro), Lukács tinha algumas dúvidas em relação ao modo com o qual estava organizado o conteúdo da *Ontologia*, subdividida em uma parte histórica [...] e uma parte teórica, o que poderia dar lugar a certas repetições. Concebidos como um discurso estritamente teórico, que tinha por tarefa fixar os pontos básicos da *Ontologia*, os *Prolegômenos* desconhecem essa dicotomia.⁵³

Entre o pequeno círculo dos estudiosos da obra lukácsiana no Brasil e no exterior tem corrido a notícia que Lukács teria resolvido reescrever a *Ontologia* diante das críticas que recebera de seus alunos, críticas essas consignadas em um texto publicado “em tradução italiana no fim dos anos 1970 na revista *aut-aut* e sucessivamente em inglês e alemão”⁵⁴ sob o título de “Anotações sobre a ontologia para o companheiro Lukács”.⁵⁵

Tal acontecimento poderia ser importante para explicar a decisão de Lukács, contudo, ainda, segundo Tertulian

considerando que os *Prolegômenos* foram escritos *depois* que Lukács tomou conhecimento das críticas formuladas por esse grupo de filósofos, seus amigos e discípulos, poder-se-ia indagar se a decisão de escrever *post festum* uma longa introdução à obra não foi tomada justamente para responder àquelas objeções. Ora, uma leitura dos *Prolegômenos* à luz das *Anotações* mostra com toda evidência que Lukács não alterou uma “vírgula” nas suas posições de fundo.⁵⁶

Portanto, a hipótese mais plausível, ao contrário do que tem sido aventado, é que Lukács tenha ficado com a impressão que ele não havia conseguido expressar com clareza e profundidade as suas intenções iniciais, que o levaram a elaborar a *Ontologia* propriamente dita.

Mas quais seriam exatamente o *locus* e papel dos *Prolegômenos* no interior dessa enorme empreitada à qual Lukács dedicou seus últimos anos de vida? É, novamente, Tertulian que acena com informações concretas: “Concebidos, pois, como introdução ao texto principal da *Ontologia*, os *Prolegômenos*, todavia, representam de fato uma vasta conclusão”.⁵⁷ Ademais, ao contrário de certa interpretação corrente em nosso meio,⁵⁸ que além de não constatar nenhuma novidade trazida pela última obra, tenta distingui-las atribuindo à primeira o *status* de “grande” ontologia e à segunda de “pequena” ontologia,⁵⁹ Tertulian assinala que “os *Prolegômenos* não são de fato uma simples repetição das idéias desenvolvidas no grande *corpus* da *Ontologia do ser social*, ao contrário, eles portam inflexões novas e, às vezes, contribuições inéditas,⁶⁰ apesar de seu caráter repetitivo e, por vezes, lacunar em algumas passagens específicas”.

No nosso ponto de vista, uma das principais contribuições inéditas desses escritos diz respeito às relações indivíduo e gênero, e que ainda não recebeu o devido tratamento analítico pelos intérpretes. No entanto, em contrapartida, Lukács assevera que

o lugar central da *generidade*, a superação de seu mutismo natural, não é de modo algum uma “idéia” genial e isolada que tenha ocorrido ao jovem Marx. Embora a questão raramente apareça, abertamente com essa terminologia

Essas categorias formam, no interior das elaborações lukácsianas a base analítica de toda e qualquer ação do ser social.

explícita, em suas obras posteriores, Marx nunca cessou de avistar no desenvolvimento da *generidade* o critério ontológico decisivo para o processo de desenvolvimento humano.⁶¹

Segundo o filósofo húngaro a categoria da *generidade* explicita a concepção “revolucionária sobre o ser e o devir sobre o gênero humano”⁶² instaurada por Marx. Lukács identifica o lugar genético dessa concepção, isto é, da superação do gênero mudo natural e o advento do gênero propriamente humano, precisamente na *práxis* que constitui o modo por meio do qual se processa a “adaptação ativa” e a partir da qual se dá, de modo contraditório e desigual, a constituição processual do ser social. Em outros termos, “a base ontológica do salto [do gênero mudo para o gênero não-mais-mudo] foi a transformação da adaptação passiva do organismo ao ambiente em uma adaptação ativa, com o que a sociabilidade surge como nova maneira de generidade”.⁶³ Nesse contexto, a individualidade não é entendida por Lukács como um dado humano originário, mas uma categoria que se constitui também historicamente, na base de uma “determinação recíproca” com a generidade, mas não só. Trata-se de um processo extremamente lento, inclusive, das próprias relações sociais para que o problema da individualidade possa aparecer não só como um problema real, mas também universal. Ademais “o verdadeiro desenvolvimento da individualidade [...] é um processo altamente complexo, cujo fundamento ontológico é formado pelos *pores teleológicos*⁶⁴ da *práxis* com todas as circunstâncias, mas que não tem ele próprio, em absoluto, caráter teleológico”.⁶⁵ Enfim, estamos diante de um processo que se desenrola tanto no sentido objetivo quanto subjetivo, ou seja, “devido à *práxis*, o ser humano, que se forma numa multiplicidade cada vez mais variada, se defronta com uma sociedade [...] em que não apenas cresce a corporificação objetiva da generidade, tornando-a cada vez mais variada em muitos aspectos, mas ao mesmo tempo coloca múltiplas e diferenciadas exigências ao indivíduo humano nela praticamente ativo”.⁶⁶ Vale dizer, a um dado ponto da sociabilidade, há uma multiplicidade quase infinita de decisões alternativas que o indivíduo singular da sociedade é constantemente provocado, ou mesmo obrigado, a tomar, dada a diferenciação e complexificação da sociedade no seu conjunto. Enfim, é importante ressaltar que ao se debruçar sobre a convergência ou divergência entre desen-

volvimento social e individual, tudo indica que Lukács não identifica a formação dos indivíduos humanos como meros produtos mecânicos do gênero, caso contrário, se apagariam os traços específicos do ser social e restaria apenas a relação natural muda entre espécie e seu exemplar.

NOTAS

- 1 E. Vaisman, “O ‘jovem’ Lukács: trágico, utópico, romântico?”, em *Revista Kriterion*, nº 112, pp. 293-310.
- 2 *Ibid.* p. 294.
- 3 N. Tertulian, “L'évolution de la pensée de Georg Lukács”, em *L'Homme et la Société*, nº 20, abril-maio-jun. (Paris: Éditions Anthropos, 1971), p. 15.
- 4 *Ibidem.*
- 5 *Ibidem.*
- 6 E. Vaisman, “O ‘jovem’ Lukács: trágico, utópico, romântico?”, cit., p. 294.
- 7 Trata-se de uma entrevista a István Eörsi e Erzsébet Vézér, a partir de um esquema escrito por Lukács. Eörsi em uma nota inicial esclarece ao leitor: “Quando Georg Lukács foi informado de sua doença fatal, empreendeu esforços extraordinários para poder concluir rapidamente as correções de sua obra *Para uma ontologia do ser social*. O rápido agravamento de seu estado o impediu, no entanto, de executar esse trabalho tão importante para ele, com a intensidade a que estava acostumado. Nessa época, ele se pôs a escrever o esboço sobre sua vida, em parte devido ao menor desgaste teórico, em parte para, assim, satisfazer um desejo de sua falecida mulher. Depois que o esboço ficou pronto, ficou claro que não teria forças para redigir. A própria atividade de escrever mostrou-se tarefa que ultrapassava cada vez mais suas forças físicas. Entretanto, como não suportaria viver sem trabalhar, seguiu o conselho de seus alunos mais íntimos e contou sua vida em conversas gravadas ao responder, em crescente decadência física, às perguntas que baseadas no seu esboço biográfico, Erzsébet Vézér e eu lhe fazíamos”; cf. *Pensamento vivido* (Santo André: Estudos e Edições Ad Hominem/Viçosa: Editora UFV, 1999), p. 25. Edição traduzida diretamente do original alemão *Gelebtes Denken – Ein Autobiographie im Dialog* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1981). Há também a edição francesa, *Pensée vécue – Mémoires parlés* (Paris: L'Arche Éditeur, 1986) e a italiana *Pensiero vissuto – Autobiografia in forma di dialogo* (Roma: Editori Riuniti, 1983).
- 8 E. Vaisman, “O ‘jovem’ Lukács: trágico, utópico, romântico?”, cit., pp. 295-296.
- 9 N. Tertulian, “L'évolution de la pensée de Georg Lukács”, cit., p. 17.
- 10 O livro foi publicado no Brasil apenas no ano de 2000, numa co-edição da Editora Duas Cidades e Editora Contraponto.
- 11 N. Tertulian, “L'évolution de la pensée de Georg Lukács”, cit., p. 20.
- 12 G. Lukács, “Prólogo a *La teoria de la novela*, em *Obras completas*, vol. I (Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1975), p.182.
- 13 G. Lukács, *Pensamento vivido*, cit., p. 49.
- 14 G. Lukács, “Prólogo a *La teoria de la novela*, cit., p. 290.
- 15 G. Lukács, *Pensamento vivido*, cit., p. 49.
- 16 N. Tertulian, “L'évolution de la pensée de Georg Lukács”, cit., p. 25.

- ¹⁷ Não obstante seu prestígio, o livro foi publicado no Brasil apenas em 2003 pela Editora Martins Fontes de São Paulo. Até então, por aqui, circularam a edição portuguesa das Publicações Escorpião, a espanhola pela Editorial Grijalbo e a francesa da Les Éditions de Minuit.
- ¹⁸ E. Vaisman, *A determinação marxiana da ideologia*, tese de doutorado (Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1996), p.57.
- ¹⁹ G. Lukács, *Historia y consciencia de classe* (México: Editorial Grijalbo, 1969), p. X.
- ²⁰ *Ibid.* p. XVII.
- ²¹ "Durante muito tempo, um equívoco terrível, carregado de vários significados, ficou planando sobre esse livro. Lukács o negou, em termos enérgicos, em uma série de textos escritos entre 1930 e 1940. O "Prefácio" de 1967 não foi o primeiro. Os admiradores zelosos de uma obra considerada capital para o marxismo do século XX continuaram a lhe cultuar, atribuindo a sua desaprovação pelo próprio autor a uma coerção sofrida por Lukács. (A obra de Lukács e a de Karl Korsch foram denunciadas por Zinoviev no V Congresso da Internacional Comunista, em 1924, como heréticas e revisionistas. Ao mesmo tempo, Kautsky, na sua revista *Die Gesellschaft*, e os social-democratas criticaram Korsch e Lukács de um outro ponto de vista); cf. N. Tertulian, "L'évolution de la pensée de Georg Lukács", cit., p. 25.
- ²² G. Oldrini, Oldrini, "Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács", em *Lukács e a atualidade do marxismo* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2002), pp. 49-75; N. Tertulian, "Lukács hoje", em *Lukács e a atualidade do marxismo*, cit., pp. 27-48.
- ²³ Esteta e filósofo com quem Lukács conviveu no primeiro dos seus exílios na União Soviética. No "Prefácio" ao seu volume antológico *Arte e sociedade*, publicado em Budapeste no ano de 1968, ele declara: "No Instituto Marx-Engels, conheci e trabalhei com Michail Lifschitz, com quem, no curso de longos e amigáveis colóquios, debati as questões fundamentais do marxismo. O resultado teórico mais importante dessa clarificação foi o reconhecimento da existência de uma estética marxista autônoma e unitária. Esta afirmação, indiscutível hoje em dia, parecia no início dos anos 1930 um paradoxo até para muitos marxistas"; cf. *Arte e sociedade*, vol. I (Roma: Editori Riuniti, 1981), p. 11. Nesse campo, importa lembrar, imperavam ainda as concepções próprias ao quadro de idéias formulado pela Segunda Internacional.
- ²⁴ G. Oldrini, "Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács", cit., pp. 52-53.
- ²⁵ G. Lukács, "Democracia burguesa, democracia socialista e outras questões", em *Nova Escrita/Ensaio*, ano IV, nº 8 (São Paulo: Editora Escrita, 1981), p. 49. Trata-se de entrevista concedida, em 1968, em Budapeste, à sucursal da *New Left Review*, e publicada em 1971, no número 68 da mesma revista.
- ²⁶ Cf. *Princípios da filosofia do futuro* (Lisboa: Edições 70, s/d.).
- ²⁷ Em *O pensamento vivido*, cit., p. 145, Lukács se posiciona a respeito do seguinte modo: "Marx elaborou principalmente – e essa eu considero a parte mais importante da teoria marxiana – a tese segundo a qual a categoria fundamental do ser social, e isto vale para todo ser, é que ele é histórico. Nos manuscritos parisienses, Marx diz que só há uma única ciência, isto é, a história, e até acrescenta: 'Um ser não objetivo é um não ser'. Ou seja, não pode existir uma coisa que não tenha qualidades categoriais. Existir, portanto, significa que algo existe numa objetividade de determinada forma, isto é, a objetividade de forma determinada constitui aquela categoria à qual o ser em questão pertence".
- ²⁸ G. Oldrini, "Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács", cit., p. 67.
- ²⁹ *Ibid.*, p. 50.
- ³⁰ *Ibidem.*
- ³¹ Nessa etapa da exposição, dado o espaço que dispomos, julgamos adequado seguir as análises de Oldrini e Tertulian, pois, em nosso ponto de vista, são os intérpretes que conseguiram captar com mais acuidade o elo de ligação entre a *Estética* e a *Ontologia*.
- ³² G. Lukács, *Die Eigenart des Ästhetischen (Ästhetik)*, I. Halband und II. Halband (Berlim: Luchterhand Verlag, 1963), e *Estética*, 4 vols. (Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966).
- ³³ G. Oldrini, "Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács", cit., p. 51.
- ³⁴ H. H. Holz, Leo Kofler & W Abendroth, *Conversando com Lukács* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969), pp. 11-12 e ss.
- ³⁵ G. Oldrini, "Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács", cit., 52. Oldrini faz referência a G. I. Mezei (org.), *Ist der Sozialismus zu retten? Briefwechsel zwischen Georg Lukács und Wener Hofmann* (Budapeste, 1991), p. 21.
- ³⁶ G. Oldrini, "Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács", cit., p. 67.
- ³⁷ *Ibidem.*
- ³⁸ N. Tertulian, *apud* G. Oldrini, "Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács", cit., p. 68.
- ³⁹ *Ibid.*, p. 70.
- ⁴⁰ G. Lukács, *Utam Marxhoz* (Budapeste, 1971), pp. 9-31, *apud* G. Oldrini, "Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács", cit., p. 69.
- ⁴¹ N. Tertulian, "O grande projeto da *Ética*", em *Ensaio Ad Hominem* nº 1, tomo I (Santo André: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999), p. 126.
- ⁴² "Após 1848, depois da queda da filosofia hegeliana e, sobretudo, quando começa a marcha triunfal do neokantismo e do positivismo, os problemas ontológicos não são mais compreendidos. O neokantismo elimina da filosofia a incognoscível coisa em si, enquanto que para o positivismo a percepção subjetiva do mundo coincide com a sua realidade", cf. G. Lukács, *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins*, I. Halband (Luchterhand Verlag, 1984), p.574. (trad. it. tomo I, p. 277).
- ⁴³ G. Lukács, *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins*, I. Halband (Luchterhand Verlag, 1984), p. 596. (trad. it. p. 302).
- ⁴⁴ H. H. Holz, Leo Kofler & W Abendroth, *Conversando com Lukács*, cit., p. 15.
- ⁴⁵ G. Lukács, *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins*, cit., p. 572 (ed. it. p. 275, vol. I).
- ⁴⁶ G. Lukács, "Diálogo sobre o pensamento vivido", em revista *Ensaio*, nº 15-16 (São Paulo, Ed. Ensaio, 1986), p. 85.
- ⁴⁷ A. Scarponi, "Prefácio", em *Per l'Ontologia dell'essere sociale*, vol. I (Roma: Editori Riuniti, 1976), p. XIII.
- ⁴⁸ G. Lukács, *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins*, I. Halband, cit., p. 585. (trad. it. pp. 290-91, vol. I).
- ⁴⁹ N. Tertulian, "Introduzione", em *Prolegomeni All'Ontologia dell'essere sociale – Questioni di principio di un'ontologia oggi divenuta possibile* (Milão: Guerini & Associati, 1990), p. XX.
- ⁵⁰ Lukács, *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins*, II. Halband, cit., p. 46. (trad. it. p. 56, vol. II)
- ⁵¹ N. Tertulian, "Introduzione", cit., p. IX.

⁵² *Ibid.*, p. XI.

⁵³ *Ibidem.*

⁵⁴ F. Féher, A. Heller, G. Márkus, & M. Vajda, "Annotazioni sull'ontologia per il compagno Lukács (1975)", em *aut aut* (fascicolo speciale), nº 157-158, janeiro-abril, 1977, pp. 21-41.

⁵⁵ N. Tertulian, "Introduzione", cit., p. XI.

⁵⁶ *Ibid* p. XII. O autor acrescenta ainda: "A edição húngara da *Ontologia* optou por colocá-lo no final da obra, como um terceiro volume, enquanto o editor alemão preferiu ater-se à letra do projeto de Lukács".

⁵⁷ Trata-se da avaliação de Carlos Nelson Coutinho em relação ao problema. Assim ele se posiciona a respeito: "Nesse segundo manuscrito, [*Prolegômenos*] ele não parece ter sido inteiramente feliz na consecução de suas intenções. As deficiências do método de exposição se acentuam (o texto chega a ser enervantemente repetitivo, sem que a retomada do mesmo tema apresente novas determinações aos objetos analisados, como claramente ocorria

na Estética [...]); cf. "Lukács, a ontologia e a política", em *Lukács um Galileu no século XX* (São Paulo: Boitempo Editorial, 1996), pp. 20-21. O mesmo artigo também foi publicado em uma coletânea de ensaios do autor intitulada *Marxismo e política – A dualidade de poderes e outros ensaios* (São Paulo: Cortez Editora, 1994).

⁵⁸ Essa diferenciação, que subestima o valor dos *Prolegômenos*, também é de autoria de Coutinho e se encontra no texto acima indicado.

⁵⁹ N. Tertulian, "Introduzione", cit., p. XXIV.

⁶⁰ G. Lukács, "Prolegomena zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins", cit., p. 40.

⁶¹ *Ibidem.*

⁶² *Ibid.* p. 43.

⁶³ No texto original *teleologischen Setzungen*.

⁶⁴ *Ibid.* p. 44.

⁶⁵ *Ibid.* p. 45.